

Definidos os finalistas da 40ª Copa Oswaldo Bernardes de Futebol Amador

PROCÓPIO

Depois de cerca de 50 dias, finalmente foram definidos os times que farão a final da 40ª Copa Oswaldo Bernardes de Futebol Amador de Cornélio Procopio. Galaticos, da cidade de Santo Antonio do Paraiso, e o Guarani, de Cornélio Procopio, venceram a última rodada e farão a final da Copa no dia 15 de Fevereiro dia do Aniversário de 80 anos da cidade.

De acordo com o empresário Almir Rogério Bernardes, a final deverá movimentar milhares de pessoas, como aconteceu em todas as edições anteriores. Ele agradeceu o apoio da Prefeitura do Município, através da Fundação Municipal de Esportes, a Fecop e a todas as equipes que participaram desta



Final da mais tradicional competição esportiva acontece no próximo dia 15 de fevereiro

edição e de todas as Copas já realizadas ao longo destes 40 anos. "Esta Copa surgiu no século passado, em 1978 graças ao entusiasmo do meu pai, Oswaldo Bernardes com o futebol amador em nossa cidade. Depois que ele faleceu, nós continuamos promovendo a Copa, especialmente em homenagem a nossa cidade

e a este cidadão que tinha o coração procopense mesmo", disse Almir Bernardes.

Na rodada deste domingo, no primeiro jogo, a equipe de Santo Antonio do Paraiso venceu nos pênaltis o Juventus por 5 x 4 depois do empate em 3 x 3 no tempo normal. Na segunda partida, a equipe do Guarani venceu o Azul

Club por 2 x 1 e confirmou sua participação na grande final do dia 15 de fevereiro, no Estádio Municipal Ubirajara Medeiros na Vila Independência, a partir das 19 horas. Segundo a organização da Copa Oswaldo Bernardes, a premiação será efetuada após a final. A entrada no Estádio Ubirajara Medeiros será gratuita. (Da assessoria)

Artigo

A mosca na garrafa, o peixe na rede e o labirinto: Bobbio e a contemporaneidade

Norberto Bobbio, teórico do Direito, da Política e da Cultura, é um dos mais importantes pensadores do século XX e ativo interlocutor dos direitos humanos, da democracia e da paz na contemporaneidade.

Testemunha da "Era dos Extremos", presenciou a violência fascista e a posterior redemocratização de uma Itália fulminada pela guerra. Inspirado em Rosselli, Cattaneo, Pareto e Einaudi, foi hábil mediador entre comunistas e liberais, nos anos cinquenta, e, como costumava dizer, quem quer agradar a dois litigantes, acaba desagradando a ambos. Porém, era o preço que pagara por "estar no meio", aplicação prática da virtude aristotélica do intransigente papel de intelectual público.

Devoto fiel do método racional, analítico e crítico, tinha por mote a tolerância, a confiança da solução pacífica dos conflitos e o diálogo: "a violência devem de ser a parteira da História e vou ser tornando cada vez mais sua parteira", sentenciou o mestre. "A vida, extrair uma lição: aprenda a respeitar as ideias alheias, a deter-se diante do segredo de cada consciência, a compreender antes de discutir,

a discutir antes de condenar". Confessou, ademais, que detestava os fanáticos, pois eram os responsáveis pela "fúria dos extremos".

Nesta linha de raciocínio, o filósofo de Turim explica a condição humana e o contexto em que a civilização se encontra, tendo por pano de fundo a questão das relações internacionais e o problema da guerra, a partir de três metáforas: a mosca na garrafa, o peixe na rede e o labirinto.

A primeira significa que a humanidade, assim como a mosca, está presa na garrafa e busca desesperadamente dela sair, de modo que apenas o filósofo, igual a um onipotente demíurgo, com suas construções teóricas e metafísicas, seria o único capaz de abrir a tampa da garrafa e libertar a mosca, no caso, a humanidade, de todos os males e flagelos que a acometem, tal qual a fome, a miséria, as doenças e a guerra. Trata-se, por assim dizer, de uma visão otimista, que coloca na mão de um salvador da pátria a chave para abrir as portas de um novo mundo, mais humano, fraterno, justo e igualitário.

A do peixe na rede, inversamente, não nos reserva alternativas de salvação. A

semelhança do peixe que, inutilmente, se debate para fugir do pescador, o destino de todos é, de forma inevitável, a morte e o extermínio mútuo, sendo a guerra inerente à própria natureza humana. Há aqui um diagnóstico cético e pessimista para o futuro de nossa espécie, levando-se principalmente em conta o arsenal bélico de algumas potências nucleares, o sentimento de terror e nihilismo que tal realidade implica.

Por fim, elabora a metáfora do labirinto, segundo a qual a saída existe e é possível, mas a tarefa de encontrá-la é difícil, demorada e extenuante, exigindo enorme esforço da sociedade na resolução dos conflitos e dos problemas advindos da convivência humana. Bobbio, no entanto, indica a razão, o diálogo e o consenso como instrumentos necessários à realização dessa tarefa. No labirinto, a humanidade, não raro, se depara com becos sem saída (via bloqueada). Isso requer constantes movimentos de retorno e de reconeção, de modo que sempre se devam seguir os ditames da boa razão. Esta análise induz uma posição realista frente aos desafios humanos, pois não

cai na armadilha do otimismo e do conformismo pessimista das teses anteriores.

As grandes dicotomias, aliás, eram temas recorrentes nas elucubrações de Norberto Bobbio. Definiam-no e se definia como "socialista-liberal", "iluminista-pessimista" e "realista-insatisfeito", o que reflete a formação intelectual complexa do italiano, o que pode parecer, a princípio, uma contradição irresoluta, na verdade, é o grande mérito de Bobbio na contribuição filosófica do século passado.

Homem da academia e do debate público, legou a todos nós obra vastíssima, além de deixar uma legião de incontáveis seguidores. O pensamento bobbioano ainda influi, vigorosamente, o Direito e a Política na Europa, América Latina e Brasil. Talvez a releitura dos textos de Norberto Bobbio seja o fio condutor que nos levará ao melhor caminho dentro do labirinto da História da humanidade num período tão crucial como esse que estamos vivendo.

Marcos Antonio da Silva Mestre em Direito pela UENP

FRANCISCOLOGIA

Capítulo CCCXIII

Paz e Bem, meu amigo e irmão, vamos continuar falando sobre São Francisco de Assis. Agora, SANTA CLARA A PLANTINDE SÃO FRANCISCO: A vida de Santa Clara de Assis.

Infância e Juventude

Século XII, Assis, na Itália. Nascu Clara Favorene, filha de Hortolana e Favorene, uma família considerada nobre na sociedade local. Acredita-se que a data mais precisa de seu nascimento é 1194 (embora há historiadores que apontem o ano de 1193), em plena Idade Média, marcada pelo desmoronamento do sistema feudal e o crescimento do comércio.

Como filha primogênita, natural que sua mãe Hortolana temesse pela gravidez e, principalmente, pelo parto. Extremamente religiosa, ela sempre pedia um bom parto em suas orações, quando, um dia, ouviu uma voz que lhe dizia: "Não temas, mulher, porque terás um parto normal e a luz daquela que vai nascer resplandecerá com mais clareza que um dia de sol". Por esse motivo, no Batismo, deu o nome de Clara. A menina Clara cresceu num ambiente de nobreza e fartura, pois segundo o biógrafo Tomás de Celano, o pai era militar e a família, dos dois lados, de cavaleiros. Seu pai, Favorene, filho de Ofredúcio e neto de Bernardino, moravam com os irmãos em uma bela e grandiosa casa, que a família possuía junto à Catedral de Assis havia mais de cinqüenta anos, embora eles também fossem proprietários rurais, com castelos nas redondezas. Mas Clara também teve o suporte da fé. Sua mãe não se descuidou de educá-la para ações mais nobres ainda, principalmente fazendo piedade e caridade com o mais necessitados. E Celano quem fala: "Estendia a mão com prazer para os pobres e, da abundância de sua casa, supria a indigência de muitos". Nesse período da Idade Média, o dinheiro foi se tornando um novo rei. Os pobres e os doentes, aqueles que não podiam subir na escala social, eram marginalizados. Celano lembra bem que, mesmo vivendo em um ambiente de riqueza e ostentação, Clara compreendia que as aparências e os adomos mundanos podiam ser enganosos. "Foi compreendendo que as coisas da terra, por mais belas que fossem não podiam prender seu coração". E bem lembrar que a cultura cavaleiresca foi a primeira da Idade Média a ser elaborada por leigos e não por clérigos e tinha uma proposta de como deviam ser educadas as mulheres para serem agradáveis, discretas, piedosas, vindo a ser gentis esposas e mães de família. Tinham, enfim, que cuidar da boa fama e, as nobres, tinham uma vida bastante reclusa, enquanto as outras participavam dos negócios dos maridos, da luta diária para manter a família e para construir a civilização da cidade.

Já no final deste capítulo, uma pergunta se faz pertinente: onde estará Francisco nesta época? Ele e Clara são contemporâneos e vão se encontrar nos próximos capítulos deste livro: O primeiro amor de Clara

O Primeiro Amor

Para louvor de Nosso Senhor Jesus Cristo Amém. (Continua na próxima edição – Programa Francisco Instrumento da Paz). Paz e Bem.

PROGRAMA FRANCISCO INSTRUMENTO DA PAZ

OUÇA E PARTICIPE!!

Todos os sábados

Das 15h às 18h

Pela Rádio Cabiúna FM 94,7

Folha do Norte
por assinatura

EXPEDIENTE

EDITORIA FOLHA DO NORTE LTDA ME - CNPJ: 09.399.259/0001-21
 AV. PREFEITO MOACYR CASTANHO, 1553 - Centro
 Tel.(43) 3542-2599 / 9.8408-8824 (OJ) / 9.9914-4551 (Tím)
 Impressão Terceirizada

Márcia Moldador
 Editora Assistente
 Jornalista Responsável - MTB/PR 3271

Cinara Abreu Neves
 Gerente Comercial / Financeiro

Site: www.folhadonortepr.com.br
 E-mails: folhanorte@tributo.com.br
redacaofolhadonorte@gmail.com

* Os artigos assinados não expressam a opinião do veículo/jornal.

Afiliada: **ADJORI-PR**
Associação de Jornais e Periódicos do Interior do Paraná

adjORIBR
Associação de Jornais do Brasil